

Companhia Nacional de Bailado

Alice no País das Maravilhas

Howard Quintero
P.I. Tchaikovski

Orquestra Sinfónica Portuguesa
José Eduardo Gomes
Direção musical

12 DEZ — 29 DEZ

Teatro Camões



Companhia Nacional de Bailado

Alice no País das Maravilhas

12 DEZ — 29 DEZ

Teatro Camões

Lisboa, Teatro Camões

DEZEMBRO

Dias 12, 13, 19, 20 e 27 às 20:00

Dias 14, 21 e 28 às 18:30

Dias 15, 22 e 29 às 16:00

Ensaio Geral Solidário

Dia 11 às 20:00

Associação Terra dos Sonhos

Escolas

Dia 18 às 15:00

Vamos Falar de Dança

Conversa Pré-Espetáculo

Dia 14 de dezembro às 17h

Convidados: a anunciar

Moderadora: Cristina Peres

No Final Falamos

Conversa Pós-Espetáculo

Dias 18 e 22 de dezembro após o final do espetáculo

Convidados: bailarinos e bailarinas da CNB

Duração 1h45 min. c/ 1 intervalo

M/6

Howard Quintero

P.I. Tchaikovski

Orquestra Sinfónica Portuguesa

José Eduardo Gomes

Direção musical

2024/2025 Fernando Duarte Direção artística





Caras e caros espectadores,

O ciclo de espetáculos que a nossa Companhia apresenta nesta especial época do ano, prova que a singular dimensão da narratividade na dança é de enorme interesse e entusiasmo para vários públicos. Contar uma história, ou melhor dizendo, dançar uma história, foi e continua a ser um vibrante catalisador da criação coreográfica, sendo *Alice no País das Maravilhas*, criado por Howard Quintero para a CNB, em 2021, um fantástico exemplo dessa vibrância e do encanto que proporciona aos públicos de todas as idades.

A obra original de Lewis Carroll é, desde logo, um marco intemporal na literatura mundial pela sua irreverência, imaginação e abordagem inovadora, tendo transcendido o seu século de criação e as convenções literárias da sua época ao explorar o absurdo, a lógica invertida e o surrealismo, tornando-se, assim, um clássico tanto para crianças como para adultos.

Com a nossa adaptação para bailado, depois de tantas outras transposições de Alice e das suas ímpares personagens nos campos das artes visuais e performativas, constatamos assim a pertinência do exercício de intermedialidade na cena coreográfica atual e de como a Dança é capaz de apresentar um guião de muitas expressividades e emoções, oferecendo-nos ainda esta peça, um adicional de múltiplas camadas de interpretação. E, neste caso tão único, pelos gestos, movimentos e comunicabilidade das bailarinas e dos bailarinos, pela grande música de Tchaikovski que nos é dada a ouvir pela Orquestra Sinfónica Portuguesa e por toda a livre filosofia de uma (não tão) simples história, que embora permaneça sempre enigmática, não deixa de nos ser constantemente cativante, terna e familiar.

Bom espetáculo!

Fernando Duarte
Director Artístico







Alice no País das Maravilhas

Alice no País das Maravilhas é uma obra escrita por Lewis Carroll em 1865, inserida no género literário “nonsense”. Este livro é conhecido pela sua narrativa única e surreal, que se desenvolve com a lógica característica dos sonhos.

A história acompanha Alice, uma menina extremamente curiosa, que, ao perseguir um coelho branco, cai na sua toca e é transportada para um mundo de fantasia. Este reino onírico é habitado por seres estranhos e maravilhosos, onde Alice vive aventuras fantásticas, inesperadas e seguramente inesquecíveis.

Lewis Carroll utilizou uma combinação rica em recursos linguísticos e charadas matemáticas, criando uma sátira que refletia tanto as pessoas do seu círculo social quanto a sociedade vitoriana da época. A obra é notável pela capacidade de divertir e, ao mesmo tempo, provocar reflexões profundas, sendo hoje um dos grandes clássicos da literatura mundial.

A produção da CNB de *Alice no País das Maravilhas* estreou em 2021, no Teatro Camões, na versão coreográfica de Howard Quintero, com coprodução da RTP e volta agora a cena para continuar a encantar e divertir o público.

Alice no País das Maravilhas

Howard Quintero

Coreografia

P. I. Tchaikovski com arranjos e versão orquestral de **Carl Davis** apresentado por acordo com Faber Music, Londres, em nome de Carl Davis
Música

René Salazar

Cenografia e Figurinos

Ernst Schießl

Desenho de luz

Mami Tina

Vídeo

Sign – Wide Format Painting

Impressão de telas cenográficas

LGS

Adereços de cena

Paula Marinho

Mestra de costura

Michaela Larisch Design

Confeção de figurino Rainha de Copas, tutus, gibões e adereços de figurinos

**Barbora Hruskova,
Freek Damen e Tom Colin**
Ensaaiadores

**Bailarinos e bailarinas CNB
Alunos da Escola Artística
da Escola de Dança do
Conservatório Nacional (FCT)**
Interpretação

Companhia Nacional de Bailado
Produção

Peggy Konik

Monitora de alunos em Formação em Contexto de Trabalho

Maria Barroso

Assistência de alunos em Formação em Contexto de Trabalho (FCT)

Orquestra Sinfónica Portuguesa

José Eduardo Gomes

Direção musical

**Lisboa, Teatro Camões,
4 de dezembro de 2021**

Estreia absoluta

Elenco:



1º Ato

Alice passeia pelo parque com a sua irmã. Num determinado momento a irmã tenta ler-lhe um livro mas esta, aborrecida e cansada, não lhe presta muita atenção, acabando por cair num sono profundo, começando a sonhar.

Neste sonho vê um Coelho Branco com um aspeto peculiar a correr. Este desperta em Alice uma enorme curiosidade e por isso decide segui-lo.

O Coelho apressado salta para dentro de uma toca e Alice não hesita, salta também.

Caindo num buraco profundo e que parece não ter fim, chega em segurança a um sítio desconhecido, perdendo de vista o Coelho Branco. Numa mesa encontra uma chave dourada, mas não encontra nenhuma fechadura correspondente. Procura insistentemente e atrás de uma cortina encontra uma pequena porta. Por trás da porta vislumbra um jardim, mas com o seu tamanho não consegue passar. Determinada em abrir aquela porta e em descobrir o que está do outro lado, Alice vai respondendo aos desafios que vão surgindo, sem desistir. Consegue então chegar ao País das Maravilhas e nele vai descobrir muitas personagens que a vão guiando nesta história. O Pelicano, o Pássaro Pequeno, o Pássaro, o Macaco, os Gémeos, o Valete de Copas e Cortadores de Cabeças, o Sapo e o Peixe, a Duquesa, a Cozinheira, o Gato de Cheshire, vão entrando nesta história e conduzindo Alice pelo País das Maravilhas. Todos eles com as suas histórias, uns muito engraçados, outros nem por isso, alguns até bastante loucos. Mas Alice é curiosa e destemida e vai querer conhecer todos, fazendo-se até de convidada para eventos inesperados, como a grande festa do Chá, protagonizada pelo Chapeleiro Louco.

2º Ato

A viagem pelo País das Maravilhas está longe de chegar ao fim e Alice ainda vai viver momentos intensos.

No jardim do Palácio da Rainha de Copas nasceram rosas brancas, a cor que a Rainha mais odeia nas rosas. Há Pintores numa azáfama a pintar de vermelho as rosas. Alice acha tudo muito estranho mas rapidamente entende a razão, a Rainha de Copas, para além de muito gulosa, é uma pessoa de difícil trato e a quem a incomode ou contrarie, ordena que se lhe corte a cabeça. Alice não fica indiferente à frieza da Rainha de Copas nem às confusões à sua volta.

A Rainha convida todos para um jogo de cricket, onde os ânimos se exaltam.

Alice tenta encontrar uma moral para cada aventura que tem vindo a viver neste País das Maravilhas, mas não é fácil quando a incoerência reina em tamanha desordem.

É então que a nossa aventureira é levada para um julgamento. Alguém roubou as tortas doces à Rainha de Copas. O Juiz é o Rei, o Coelho Branco o promotor público, a Cozinheira da Duquesa e o Chapeleiro as testemunhas, e o réu, o Valete de Copas.

Alice não consegue ficar indiferente e sem reagir, vendo a injustiça que o Valete de Copas está a sofrer num julgamento pouco sério e decide enfrentar a Rainha. Todos tentam ajudar, o que enfurece a Rainha de Copas. Escusado será dizer que, perante tamanha afronta, ordena que cortem a cabeça a Alice.

É neste momento de exaltação que Alice desperta desta viagem. Sentindo-se desorientada e meio perdida, percebe que nada era real e que tudo não passou de sonho.





Nós no labirinto de Alice

Sobre *Alice no país das maravilhas*, de Howard Quintero

Não são muitas as adaptações para bailado do romance de Lewis Carroll, o que não deixa de ser espantoso, dado o universo fantasioso, imaginativo e combativo de uma narrativa que parece condensar um manual de outras narrativas cheias de metáforas e personagens a pedirem um palco. Howard Quintero, o coreógrafo que se agiganta sobre os ombros de Lewis Carroll nesta produção muito particular encomendada pela Companhia Nacional de Bailado, explicará que com as imagens que o cinema imprimiu na nossa memória, é desafiante tornar visíveis as múltiplas dimensões que o romance contempla.

De facto, *Alice in Wonderland*, escrito por Lewis Carroll em 1865 e acompanhado de um segundo volume em 1871, *Through the looking Glass*, presta-se mais a uma relação entre a imaginação e a leitura, do que às limitações que um palco possa propor perante uma narrativa plena de personagens, situações e metáforas que se expandem não apenas para lá do espaço, mas na própria relação com o tempo e, a partir destes, com o corpo. Na adaptação pelos estúdios Disney em 1951 – e a que mais memória venceu no nosso imaginário –, é o seu potencial de relações entre personagens que parecem estar sempre a escapar ao universo infantil e, por isso, especulando, sobre as reais razões da sua inventividade, pouco habitual num conto infantil, que nos leva a perguntar se deveremos ter mais medo dos sonhos, ou de acordar deles.

Por causa desse filme, sabemos a história e conseguimos imaginar a dificuldade em encontrar formas de fazer Alice diminuir e agigantar-se; tornar um gato invisível; imaginar dois gémeos tão idênticos que parecem só um; mostrar ostras a cantar; celebrar *desaniversários*; beber chá até levitar (e daí a quase enlouquecer); apertar maçanetas de porta e pedir desculpa por as termos magoado; correr atrás de coelhos que estão sempre atrasados mas se guiam por relógios gigantes cujas horas só eles sabem ler, antes de mergulharem em buracos mais pequenos do que eles; jogar críquete com flamingos a servirem de ta-

cos e ouriços de bolas; pintar todas as rosas de cor de copas e cortar cabeças à menor das contradições ou sem explicações... e esperar que não seja tudo um sonho porque, se for, será difícil viver depois de se ter sonhado o melhor de todos os sonhos.

Numa crítica à versão que Christopher Wheeldon assinou em 2011 para o Royal Opera House, Judith Mackrell defendia no jornal britânico *The Guardian* (1 Março 2011) a dificuldade de adaptação. “por causa da sua história inconsequente e a profusamente faladora, com um elenco de personagens elusivo e surrealista”. Assim é, efetivamente, com um romance onde as narrativas se atropelam, as personagens se interrompem, as imagens se condensam e a realidade parece escapar a quem o lê, e vê.

Adaptar as histórias de Alice, e as suas metáforas, trazendo para um universo como o do bailado, em particular de género clássico e neoclássico, é escolher criando condições para que, com cada personagem, “as execuções tornam as obras concretas, especificando todos esses momentos onde, poderíamos dizê-lo, a obra coreográfica é, ela mesma, indeterminada”, como explicou Graham McFee em *Danse, Identité et exécution (Philosophie de la Danse*, Presses Universitaires de Rennes, 2010).

Howard Quintero desafia-se a si mesmo, num controlo muito cuidado sobre as características das personagens. Em palco, lugar onde a fantasia se torna verosímil, a coreografia deve obedecer a propósitos narrativos reconhecíveis e, nesse aspeto, a sua Alice é um festim para os sentidos: a coreografia age sobre nós levando-nos para o interior de um surpreendente e sedutor “rabbit hole”; no palco compreendem-se as traduções visuais de um ambiente vitoriano, no qual se passa o romance; as personagens, gizadas a três pinceladas rápidas, são eficazes a mostrar as diferentes camadas que representam.

Alice não é nenhuma sílfide, nem um cisne, nem uma bailarina-boneca, para usar referências de personagens de bailados que costumam ser programados para celebrar o Natal. Alice “é” real, o que se passa à sua volta “é que parece” não o ser. O desafio maior é não a tornar numa fachada de si mesma. Nos tempos que correm, ter uma jovem rapariga a insurgir-se contra as inexplicáveis tiranias, pedindo mudanças urgentes num mundo que aparenta estar condenado e com recursos condicionados aos ditames de um poder que se afigura ridículo, parece-se demasiado com os noticiários que nos ocupam e

menos com um bailado que serve o propósito de tornar possível uma leitura coreográfica de um romance encravado no tempo (e num tempo que, sendo de mudanças, de hábitos, de poderes, de riquezas, de impérios, não esconde as metáforas por muitas que sejam as portas por onde se escapa o coelho).

Opera-se aqui, nesta reflexão e, muito em particular com o olhar de Howard Quintero sobre um romance nada linear, um paradoxo da verosimilhança, onde a realidade representada em palco é, ela própria, matéria de sonho, em si mesma procurando ler um texto que, se construído com uma lógica simbólica mas comprovável – na qual não deve ser descurada a formação de matemático de Lewis Carroll nem as obsessões do autor que terão estado na origem da escrita do romance –, procura, a todo o momento, desviar, fintar e surpreender o leitor/espectador, atropelando-o. Na procura das comparações com o real, apenas mais dúvidas. A essas dúvidas, responde-se com novas perguntas. E, perante tanta insistência... cortem-se-lhes as cabeças.

Distinto do que é habitual perante uma criação performativa, e assumindo como real o que é ficção, pede-se que se aceite como real o que se sabe ser um sonho, sendo que, nesse sonho, vivem personagens presas numa realidade que pede soluções. Howard Quintero propõe essas soluções num hábil jogo sequencial, onde as personagens atuam perante situações concretas, ao invés de contemporalizarem com as suas situações, como acontece nas estruturas dos bailados clássicos. À dúvida, Quintero responde com pragmatismo. À metáfora, propõe soluções. À lógica coreográfica, avança com uma hipótese que desarranja o esperado e desafia o próprio espectador no campo da sua interpretação.

Howard Quintero propõe uma dramaturgia habilmente reduzida a um essencial que não sacrifica o romance, dele partindo para conceber um diálogo com as estruturas mais evidentes de um bailado romântico, ainda que sem um par amoroso, mas com uma antagonista de mão-cheia, um corpo de baile que metamorfoseia durante sequências de sonho e confronto com a realidade, e sem deixar de propor diálogos coreográficos introspectivos que se interpõem a explosões de alegria vibrante e energia contagiante.

Socorro-me de uma frase sobre o universo de trabalho de Robert Wilson, que em 1992 criou para o Thalia Theater, em Hamburgo, uma versão de *Alice in Wonderland*, para concretizar a ideia de imaginação

que nos é pedida, reflexo do que vemos no palco, ainda assim procurando uma linearidade consciente que é de que há uma história para contar (e que merece ser contada): “Se a colagem representa o modo de composição imaginário, é pela lógica não-linear do sonho que se revela o processo de formação imaginativo” (Frédéric Maurin, *Robert Wilson: Le Temps pour voir, l'espace pour écouter*, Actes Sud, 2010).

Esta ideia serve bem um universo encantado, talvez menos idealizado do que o de um *Quebra-Nozes*, ou menos grave do que um *Lago dos Cisnes*, mas em que cada personagem, para parecer sê-lo, tem de agir como sendo. O trabalho de Howard Quintero foi o de, logo inicialmente, assumir como impossível a tarefa de tudo trazer para palco e, depois, na seleção das personagens, distinguir o que era do domínio do romance, e o que cabia ao bailado interpretar. “Alice é uma criança e tem de reagir como uma criança, o coelho tem de expressar pressa, e a rainha tem de parecer zangada e mesmo histérica. Isto ajudou-me sem precisar de encontrar um estilo para o bailado e concentrar-me em explicar a história”, explicou em conversa de preparação para este texto. Acrescentaria, aliás, que, mais do que uma linguagem que pudesse ser sua, impondo ao romance um olhar unívoco, “quis explicar a história, onde cada personagem, por ser diferente, também dança de maneira diferente”.

À coerência visual que os figurinos e os cenários de René Salazar propõem, responde o propósito de contar uma história por entre as viagens imaginativas que cada um possa transferir para palco, através da sua personagem preferida. Para o coreógrafo, por exemplo, é a Duquesa, figura secundária na narrativa, mas fundamental para estabelecer o tom e o modo como Alice percebe o real e o fantasioso de um mundo onde está a aprender a andar (e nós através dela). Os detalhes que se estruturam num intenso diálogo entre movimento, ação e cenários, permitem perceber uma intenção narrativa, exploratória e intuitiva no desenho coreográfico, que aposta tudo numa relação de confiança com o espectador, livre para, através da sua memória, ler a história de Alice e das demais personagens, como portas de entrada para as metáforas sobre as relações de poder, os jogos de bastidores, o despotismo, a inocência, a revelação das duas realidades, a possibilidade de evasão, a criação de outros mundos, o abuso sobre os outros, a valentia dos que parecem tímidos, a resistência à tirania, a beleza das pequenas coisas e a graça e humor que tudo isto pode ter. A profusão imaginativa e a economia narrativa são os dois verdadeiros protagonistas de um bailado que atravessa o romance num relâmpa-

do, estabelecendo, de forma muito clara quem é quem e deve fazer o quê. Esse confronto, de uma sagacidade assente e confiante num elenco que age como se dentro do próprio sonho, e das memórias dos vários bailados onde cisnes dançaram, soldadinhos de chumbo se perderam de amores, e quase perderam uma perna por bailarinas que não saíam do mesmo lugar, sílfides surgiram no meio da noite, moínhos se levantavam para desafiar iludidos cavaleiros, são essenciais para resolver um complexo puzzle de metáforas, sub-narrativas e características peculiares de personagens que, só na aparência, parecem de ficção. Resolvida a charada, fica em cada um seguir o coelho. Já lá estava no Matrix, escolher o comprimido, azul ou vermelho, levar-nos-á a uma história distinta.

Este texto foi encomendado para a estreia do espetáculo a 4 de dezembro de 2021, sendo revisto pelo autor para esta publicação, considerando-se agora a versão definitiva do mesmo.

Tiago Bartolomeu Costa, 2021

Sobre *Alice no país das maravilhas*,
de Howard Quintero







Howard Quintero

Nasceu em Havana, Cuba. Aos 8 anos de idade iniciou os seus estudos na prestigiada Escuela Nacional de Ballet, em Havana. Durante esse tempo, participou em várias competições internacionais de bailado fora do país, onde ganhou vários prémios e distinções. Após terminar os estudos integrou Ballet Nacional de Cuba sob a direção de Alicia Alonso. Durante dois anos, dançou vários papéis na versão de Alonso de *Don Quixote*, *Lago dos Cisnes*, *Giselle*, *Coppelia*, *La Fille Mal Gardée*, *Paquita*, entre outros. Em 1998, mudou-se para Paris após o convite do diretor do Jeune Ballet de France, Robert Berthier, para integrar a companhia. Nesse ano, ganhou a medalha de prata e de ouro na competição de Paris e ainda o Grand Prix no Luxemburgo.

Após o êxito que adquiriu nesse ano foi convidado para várias galas, onde teve a honra de dançar com os bailarinos Nicolas le Riche, Manuel Legris, Elisabeth Platel. A revista *Le Figaro* editou um artigo sobre ele e chamou-o de “tornado cubano”. Em 1998 participou na competição do Festival de Dança de Joinville no Brasil, e recebeu a medalha de ouro e o Grand Prix. Após essa competição, foi convidado para uma digressão internacional pelo Brasil e partilhou os palcos com Carlos Acosta, Paloma Herrera, Maximiliano Guerra, Júlio Bocca e Cecília Kerche.

Aos 21 anos, integrava já uma das maiores companhias de bailado da Europa, o Royal Ballet of Flanders, na Bélgica, sob a direção de Robert Denvers.

Dançou papéis principais em várias obras como *Três Mosqueteiros*, *Romeu e Julieta* de Prokofiev, *Bayadère* de Marie Holmes, *Giselle* de Menia Martinez, *Carmina Burana* de Mauricio Wainrot, *Bela Adormecida* de Petipa, a versão do *Lago dos Cisnes* de Jan Fabre e *Na noite* de Robbins. Em 2005 Cathryn Bennetts, tornou-se diretora da companhia e trouxe um novo repertório, no qual Howard participou em criações modernas e neoclássicas de Nicolo Fonte, Cayetano Soto, Jacopo Godani, William Forsythe, Jiry Kylian, Christian Spuck, entre outros. Foi a primeira companhia depois do Frankfurt Ballet, a interpretar *Impressing the Czar* de William Forsythe, que o levou a dançar em prestigiosos teatros como o Sadlers Wells em Londres, Teatro Bolshoi, Nova Iorque, Theatre de la Ville de Paris.

Em 2009, de forma a enriquecer o seu repertório, mudou-se para o Leipziger Ballett sob a direção de Paul Chalmer. Dançou bailados de Uwe Scholz, (*Schuman*, *Beethoven*, *Jeune Homme et La Mort*), *Les Noces* de Mauro Bigonzetti, *Le Sacre du Printemps* de Tetley, e também produções clássicas como *Romeu e Julieta* de Yuri Vamos, *Giselle* e *O Quebra-Nozes* de Paul Chalmer.

Em 2011 foi convidado por Xin Pen Wang para integrar o Dortmund Ballet na Alemanha. Aí dançou o *Lago dos Cisnes* de Xin Pen, *Second Detail* e *The Vertiginous Thrill of Exactitude* de Forsythe, *Cantata* de Bigonzetti, *Piano Pieces* de Douglas Lee, *Câmaras de Sono* de Spuck e *Rubis* de Balanchine.

Em 2015 decidiu parar a sua carreira de bailarino e no mesmo ano teve a oportunidade de ser assistente da prestigiada bailarina e coreógrafa Lynne Charles na criação do seu *Lago dos Cisnes* no Ballet Nacional da Eslovénia.

Ao longo dos últimos anos tem trabalhado com várias companhias como professor convidado de dança clássica. Trabalhou com a companhia de dança em Dresden, Frankfurt, Wiesbaden, Astana Ballet Kazakhstan, Hagen Ballet, Gelsenkirchen, Companhia Nacional de Bailado, Ballet Nacional da Eslovénia, Ballet Real de Flandres, Ballet de Zurique, Dortmund Ballet, Architzanz no Japão e Ballet Augsburg.

Em 2018, a convite do diretor do Ballet Nacional da Eslovénia, Sanja Neskovic, criou uma nova versão clássica do bailado *Giselle*, cuja estreia aconteceu a 13 de abril em Liubliana. Após o sucesso da estreia, a companhia foi convidada a apresentá-la em festivais em Itália, Alemanha e Eslovénia. Esta oportunidade permitiu-lhe desafiar-se e encetar novos projetos coreográficos no futuro.



P. I. Tchaikovski

Piotr Ilich Tchaikovski foi o compositor de bailado mais significativo do século XIX, escrevendo os três mais populares clássicos, cuja música é de uma espetacular riqueza emocional e dramática: *O Lago dos Cisnes*, *A Bela Adormecida* e *O Quebra-Nozes*. Foi professor de Teoria e Composição no Conservatório de Moscovo, mas conseguiu, após uma ajuda financeira de uma viúva rica, Nadezhda von Meck, deixar o ensino e dedicar-se unicamente à composição. Tchaikovski foi bastante influenciado, nas suas composições musicais, pelos compositores nacionalistas russos que compunham o Grupo dos Cinco (Balakirev, Rimsky-Korsakov, Mussorgsky, Borodin e Cui), ainda que as suas obras sejam consideradas de um carácter mais internacional. Um casamento falhado levou-o a um estado de desespero total, culminando mesmo numa tentativa de suicídio. No entanto, a constante ajuda da viúva von Meck foi vital nesta fase da sua vida. Esta relação durou 14 anos, sempre por carta. As suas obras orquestrais são de muito sucesso, notavelmente as suas três últimas sinfonias. Do extenso conjunto de obras para bailado são exemplos: *Canção de Outono*, *Prelude*, *Romance*, *Serenade*, *Tema e Variações*, *Onegin*, *Anastasia*, *Andantino* ou *O Gato das Botas*. Em outubro de 1893, Piotr Ilich Tchaikovski escreveu a sua última sinfonia, *A Patética*, estreada em São Petersburgo, apenas 9 dias antes da sua morte, com cólera. Assim culminou a vida de um grande nome da música do século XIX, personagem que conduzia uma orquestra segurando a cabeça com a mão esquerda com medo que esta caísse.

Orquestra Sinfónica Portuguesa



Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e da participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as Sinfonias n.º 1, 3, 5 e 6 de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirulli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

I Violinos

Pavel Arefiev
Leonid Bykov
Hasmik Duarte
Nicholas Cooke
Luís Santos
Anabela Guerreiro
Alexander Miladenov

II Violinos

Nariné Dellalian
Witold Dziuba
Tomás Costa
Inna rechetinikova
Katarina Majewska
Sara Cimbron

Violas

Ceciliu Isfan
Irma Skenderi
Ventzislav Grigorov
Leonor Fleming*

Violoncelos

Ajda Zupancic
João Matos
Gueorgui Dimitrov
Diana Savova

Contrabaixos

Duncan Fox
José Mira (10, 13, 15, 18, 20, 22
e 27 de dezembro)
João Diogo Duarte (11, 12, 14,
19, 21, 28, 29 de dezembro)
Maria Delmar*

Flautas

Inês Pinto
Vera Morais*
Ana Baganha
(Flauta + Piccolo)

Oboés

Luís Perez
Luís Marques
Elizabeth Kicks

Clarinetes

Joaquim Ribeiro
Cândida Oliveira

Fagotes

Carolino Carreira
Roberto Erculiani

Trompas

Paulo Guerreiro
Carlos Rosado
Laurent Rossi
Augusto Rodrigues

Trompetes

António Quitalo
Latchezar Goulev
Jorge Almeida
Pedro Monteiro

Trombones

Jarrett Buttler
Vitor Faria
Joaquim Rocha

Tuba

Ilídio Massacote

Tímpanos

Richard Buckley

Percussão

Elizabeth Davis
Pedro Araújo e Silva
Lídio Correia

Harpa

Beatriz Cortesão*

Celesta

Alexandra Simpson*



Leonor de Jesus



José Eduardo Gomes

Direção musical

José Eduardo Gomes foi recentemente laureado com o 1.º prémio no European Union Conducting Competition, tendo ganho igualmente o Prémio Beethoven no mesmo concurso. É Professor na Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalha com as várias orquestras.

Foi maestro titular da Orquestra Clássica do Centro, maestro associado da Orquestra Clássica do Sul, maestro titular da Orquestra Clássica da FEUP, professor na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo (ESMAE), maestro titular do Coro do Círculo Português de Ópera e maestro principal da Orquestra de Câmara de Carouge (Suíça). Iniciou os estudos de clarinete em V. N. Famalicão, sua cidade natal, na Banda de Música de Famalicão. Prosseguiu-os na ARTAVE e na ESMAE, onde se formou na classe de António Saiote, tendo recebido o Prémio Fundação Eng.º António de Almeida.

Mais tarde, frequentou a Haute École de Musique de Genève (Suíça), estudando direcção de orquestra com Laurent Gay e direcção coral com Celso Antunes. José Eduardo Gomes é membro fundador do Quarteto Vintage e do Serenade Ensemble. Foi laureado em diversos concursos, destacando-se o Prémio Jovens Músicos (categorias de clarinete e música de câmara) e o Concurso Internacional de Clarinete de Montroy (Valência).

É igualmente laureado com o Prémio Jovens Músicos, na categoria de direcção de orquestra, onde recebeu também o prémio da orquestra.

Nos últimos anos, tem sido convidado para trabalhar com as principais orquestras portuguesas, atuando nos mais destacados festivais de música portugueses com solistas como Maria João Pires, Diemut Poppen, Sebastian Klinger, Bruno Giuranna, Artur Pizarro, Natalia Pegarkova, Adriana Ferreira, entre outros. Na temporada 2023/24, teve concertos em Portugal, França, Bulgária e Hungria. Participou em produções de óperas como *Don Giovanni* e *Così fan tutte* (Mozart), *Lo Speciale* (Haydn), e *La Donna di Genio Volubile* (Marcos de Portugal), e *Os Noivos* de Francisco de Noronha. Recentemente foi diretor musical da nova produção da Companhia Nacional de Bailado, *Alice no País das Maravilhas*, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa.

Foi igualmente diretor musical da ópera *Blimunda*, de A. Corgi com libreto de José Saramago, numa nova produção do Teatro Nacional de São Carlos, assim como da nova produção da ópera *Trilogia das Barcas* de Joly Braga Santos. Outra parte importante do seu trabalho é dedicada a orquestras de jovens, um pouco por todo o país. É director artístico da JOF — Jovem Orquestra de Famalicão. Em 2018 foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pela Cidade de V. N. Famalicão.

Companhia Nacional de Bailado

Direção Artística

Fernando Duarte

Bailarinos Principais

Ana Lacerda
Alexandre Fernandes
Carlos Pinillos
Filipa de Castro
Inês Amaral
Mário Franco
Miguel Ramalho

Bailarinos Solistas

Francisco Sebastião *
Francisco Gomes
Irina de Oliveira
Isabel Galriça
João Costa
Lourenço Ferreira
Luís d'Albergaria
Miyu Matsui
Paulina Santos
Tatiana Grenkova

Bailarinos Corifeus

África Sobrino
Almudena Maldonado *
Andreia Mota
Andreia Pinho
Annabelle Barnes
Anyah Siddall
Catarina Grilo
Frederico Gameiro
Gonçalo Andrade
Henriett Ventura
Inês de Serra E Moura
Inês Ferrer
Katarina Gajic
Leonor de Jesus
Maria João Pinto
Maria Santos
Nuno Fernandes
Patrícia Main
Raquel Fidalgo
Tiago Amaral
Xavier Carmo

Corpo de baile

Aeden Pittendreigh*
Barbara Brigatti
Beatriz Williamson
Bernardo Costa
Carla Pereira
Christian Schwarm
Diogo Bettencourt
Dylan Waddell
Elsa Madeira
Emily Stewart
Emma Sicilia
Filipa Pinhão
Francisco Couto
Francisco Morais
Frederico Loureiro
João Pedro Freitas
Jorge Palacios
Joshua Earl
Luca Driesang
Mar Escoda
Margarida Pimenta
Maria Barroso
Maria Girardin
Mariana Ferreira
Marina Figueiredo
Martim Ribeiro
Michelle Luterbach
Miguel Esteves *
Nanae Yagisawa
Nikolay Iossifov
Paolo Ciofini
Ren Yamada
Ruxandra Popa
Sílvia Santos
Susana Matos

Mestres de Bailado

Barbora Hruskova
Freek Damen
Peggy Konik
Tom Colin

Convidadas Dance Planer

Jeong-yun SIM
Hyewon KIM

Ensaaiador

Rui Alexandre

Professor

Filipe Macedo

Coordenação Artística Executiva

Filipa Rola

Coordenação Musical

Filipe Tordo

Professor Convidado

Didier Chape**

Pianistas Convidados

Humberto Ruaz***
Nuno Feist**

Direção de Produção

Margarida Mendes *Direção*
Carla Almeida
Bruno Silva
Inês Amaral
Marta Sobreira

Setor de Costura

Paula Marinho *Chefe de setor*
Ana Sofia Fernandes
Conceição Santos
Diogo Santos
Helena Marques

Direção Técnica

Cristina Piedade *Direção*

Setor de Maquinaria

Vitor Osorio *Chefe de setor*
Marco Jardim
João Martins
Sérgio Torres

Setor de Som e Audiovisuais

Bruno Gonçalves
Chefe de setor
Luís Nunes
Paulo Fernandes

Setor de Iluminação

Pedro Mendes *Chefe de setor*
Daniel Morais
Frederico Albuquerque
Paulo Godinho

Direção de Cena

Henrique Andrade *Direção*
Ricardo Limão

Conservação de Guarda-roupa

Carla Cruz *Chefe de setor*
Cristina Fernandes

Gabinete de Comunicação e Marketing

Pedro Mascarenhas
Coordenação
Maria Teixeira

Vídeo e Arquivo Digital

Marco Arantes

Gabinete de Fisioterapia

Clinica Lambert**

Osteopata

Luís Malaquias

OPART – ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, E.P.E.

Conselho de Administração

Conceição Amaral *Presidente*
Rui Morais *Vogal*
Sofia Meneses *Vogal*

Gabinete de Apoio ao Conselho de Administração

Ana Fonseca
Anabela Tavares
Catarina Paulino
Fernanda Rodrigues
Tânia Alves
Nuno Pólvora

Serviço Educativo e de Pedagogia

Jorge Rodrigues
Pedro Teixeira da Silva

Direção Financeira e Administrativa

Marco Prezado *Direção*

Setor Financeiro

Fátima Ramos *Chefe de setor*
Rute Gato
Raquel Mergulhão

Setor de Aquisições

Edna Narciso *Chefe de setor*
Marta Gamito

Setor de Limpeza

Maria Teresa Gonçalves
Encarregada
Maria de Lurdes Moura
Maria do Céu Cardoso
Maria Isabel Sousa

Setor de Expediente e Económico

Anabel Segura

Setor de Bilheteira

Laura Barbeiro
Luísa Lourenço
Rita Martins

Direção de Recursos Humanos

Pedro Quaresma *Direção*
Jéssica Santos
Sofia Teopisto
Vânia Guerreiro
Zulmira Mendes

Direção de Comunicação e Marketing

Sara Gil *Direção*

Direção de Manutenção

Vítor José *Direção*
Armando Cardoso
Artur Raposo
Carlos Pires
Miguel Cardoso
Nuno Cassiano
Nuno Estevão
Susana Santos
Rui Ivo Cruz
Rui Rodrigues

Gabinete de Informática

Márcio Carez
Pedro Penedo

* Licença sem vencimento

** Prestação de serviços

*** Representado pela

Pronobis



Informações ao público

Não é permitida a entrada na sala enquanto o espetáculo está a decorrer (DL n.º 23/2014, de 14 de fevereiro);

É expressamente proibido filmar, fotografar ou gravar durante os espetáculos;

É proibido fumar e comer/beber dentro da sala de espetáculos;

Não se esqueça de, antes de entrar no auditório, desligar o seu telemóvel;

Os menores de 3 anos não podem assistir ao espetáculo nos termos do DL n.º 23/2014, de 14 de fevereiro; O programa pode ser alterado por motivos imprevistos.

Espetáculo M/6

Duração: 1h45 (aprox.)

C/ 1 intervalo de 20m

Ficha Técnica Editorial

Coordenação

Pedro Mascarenhas

Edição e Revisão

Maria Santos

Pedro Mascarenhas

Textos

Tiago Bartolomeu Costa

Fotografia de Capa

Filipa Cavaco

Fotografias de Ensaio e Espetáculo

Hugo David

Design Gráfico

The Other Studio

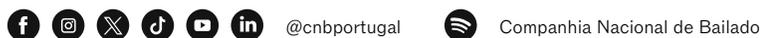
Impressão

Lidergraf

Tiragem

5200 exemplares

Dezembro 2024



Parceiro Institucional



Parceiro de Comunicação



Apoio à Comunicação



Projeto de requalificação do Teatro Camões



Conheça a programação
completa em **cnb.pt**



Bilhetes à Venda BOL.PT e locais habituais

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

CN **B** COMISSÃO
NACIONAL
DE ENLACE